



UAc.bam
BIBLIOTECA, ARQUIVO E MUSEU
UNIVERSIDADE DOS AÇORES

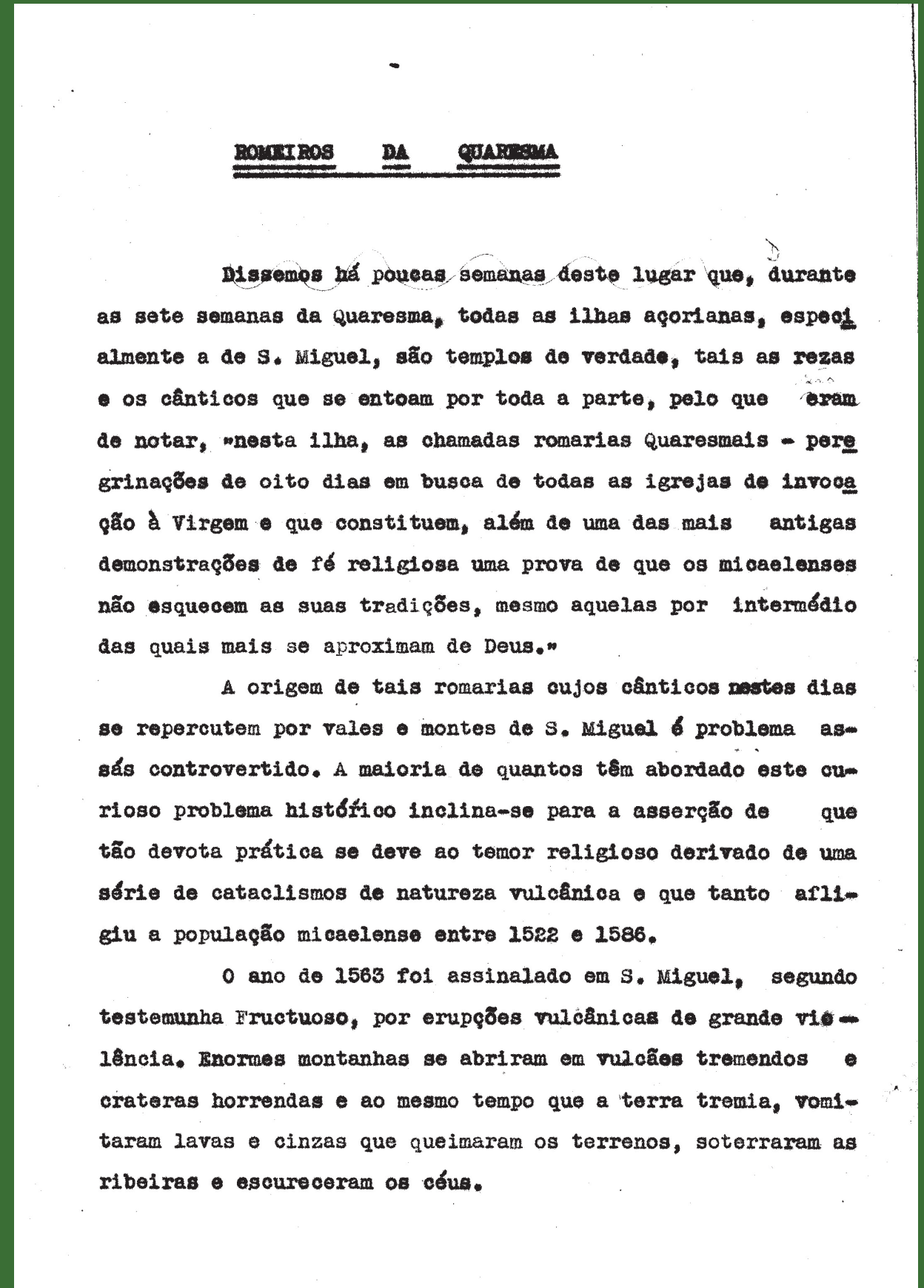
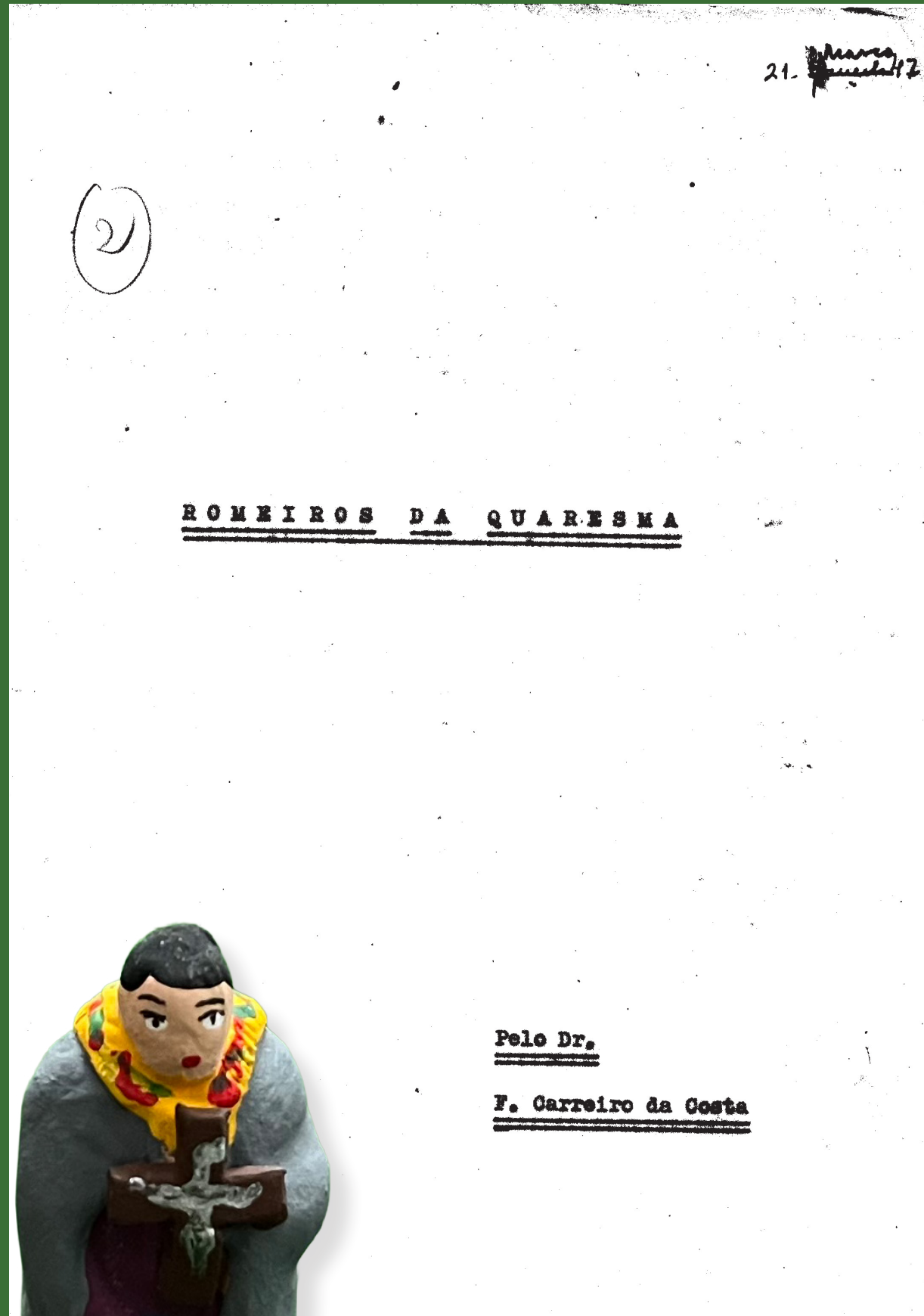
Documento do mês

- Abril -



Rancho de romeiros; / João Arruda. - 17 fig. barro policromado ; 6 cm.
SD-RES 398.332.12(469.9) A817r (Fundo Geral PD) - 54ICON. - Reservado

Sobre as romarias quaresmais de São Miguel, proferia Francisco Carreiro da Costa, ao microfone do Emissor Regional dos Açores, a 21 do Março de 1947, a palestra que se segue:



Em 25 de Junho desse ano - numa sexta feira à 1 hora da manhã - a terra começou a tremer causando pavor a toda a gente. Perto de Vila Franca do Campo, um monte principiou a explodir imensa quantidade de lava. Aturdidos, todos os moradores correram à Matriz daquela vila. Daí - conta o dito Fructuoso - "fizeram uma devota procissão à Casa de Nossa Senhora do Rosário do Mosteiro de S. Francisco e daí ao Mosteiro de Santo André, das religiosas de Santa Clara, que já pelo mesmo motivo tinham feito outra procissão por dentro da sua crasta; Daí tornando à igreja de San Miguel, donde se saíram, sendo já manhã clara. No qual tempo tremeu a terra mais de quarenta vezes, tremendo também o sabado no qual sendo horas de Ave Marias se eclipsou a lua com ser cheia, do qual eclipse nenhuma fé deram em algumas partes da ilha, e também alguns da mesma vila desatinados com medo, pelo que à tarde fizeram outra procissão com muitos géneros de penitências aos mesmos lugares dantes..."

Voltou a terra a tremer na tarde do domingo imediato - o mesmo acontecendo no dia seguinte, na 2ª. feira, 28 de Junho - motivo por que se ordenaram novas procissões que percorreram quase todos os templos da vila, inclusivamente o da Senhora da Piedade.

Emquanto isto se verificava em Vila Franca do Campo idênticas procissões pelo mesmo motivo se realizavam no Nordeste, na Ribeira Grande e em Ponta Delgada onde as populações respectivas impetravam, aflitas, a misericórdia divina.

Na vila da Ribeira Grande depois de percorrerem várias igrejas, acabada que foi a procissão "porque os terramotos iam crescendo, o povo não guardando ordem nem sossego se derramou por uma e outra parte e em magote ordenaram suas procissões com cruces que tomavam das ermidas" e em Ponta Delgada, onde os tremores de terra haviam começado no dia 24 desse mês de Junho, o céu toldou-se de tal maneira no dia de S. Pedro que se ordenou - diz Fructuoso - "mui grande procissão de toda a cleresia e de muita gente, com grande cópia de fardis da Misericórdia e cera das confrarias e muitos penitentes, a qual foi à ermida de Nossa Senhora da Piedade que está arriba da cidade menos espaço de meia légua.

Uma erupção formidável deu-se dias depois, a 2 de Julho no cume do Pico do Sapateiro junto da Ribeira Grande, na Lagoa e em Água de Pau.

"Foram, pois, conclui um escritor contemporâneo, numerosos e em muitos dias seguidos as procissões em vários lugares da ilha. Quando os elementos se pacificaram e voltou a vida à normalidade, não se desvaneceu a funda impressão que nos ânios causaram tantas angústias, com a morte sempre eminente. Naturalmente, as procissões ao depois, continuaram mas feitas em determinada época do ano, escolhendo-se para elas a Quaresma, provavelmente por ser esta a quadra mais propícia à penitência e em que os trabalhos agrícolas exigem menos braços".

Desde muito afastados tempos, portanto, se realizam



em S. Miguel as romarias quaresmais. A oração e a penitência ouvem-se e pressentem-se por toda a parte, porque pelas estradas fora e junto das ermidas e igrejas da terra, as romarias fazem ouvir seus cânticos plangentes. Tradição que vem por conseguinte, do séc.^a XVI - a dos romeiros de S. Miguel, visitando por este tempo, as Casas de Nossa Senhora, é filha da própria terra, pois que constitui uma resultante de muitas calamidades que atingiram o nosso povo e que, no seu modo de dizer, foram verdadeiros castigos. Ora, neste tempo salutar da Quaresma não há micalense algum de alma e coração que se não entorneça ante o espectáculo singular de um rancho de tais romeiros, vindo de longe, da freguesia mais distante, entrando na rua tortuosa de certa aldeia, caminho da igreja, para aí debulhar as suas orações num fervor religioso, num entusiasmo místico que só vistos.

Ainda o rancho vem a alguns quilómetros de distância e já os ecos da Avè Maria cantada numa toada lenta e pungente, alagam o ar, batem nas barreiras onde os fetos e as silvas, as conteiras e as bagas-moiras emaranham suas folhas, alongam-se pelas várzeas e penetram na rua sonolenta de lugar, onde a água, caindo da fonte, entoa uma cantiga, onde as galinhas esgravatam e as velhas se acocoram às soleiras das portas, ou fiando nas rocas ou espiolhando as netas.

Ouvindo esses rumores distantes que às vezes parecem uivos de vento ou lamúrias de ribeira minguada, toda a aldeia se alvoroça.

Quem está no tanque, vem à boca da canada para ver chegar aqueles tristes penitentes; quem está junto do forno, às trellas com uma cozedura de alqueire, larga a tarefa e vem deitar a cabeça da bande de fora da porta. E o rapazio, numa curiosidade que se não sacia, rodeia o cortejo triste e escuro daqueles homens agasalhados nos seus chailes e nos seus lenços, ajoujados ao peso das cavadeiras, amparados ao rosário enorme e ao bordão de conto, feito de moniqueira da rija. À frente vem o guia, a meio o procurador das almas, por último o mestre - bom velho, com um poderio de Janeiros em riba dele e com um bom cento de orações enversadas na cabeça.

- Quantos irmãos vão no rancho? - perguntam ao procurador depois de lhe pedirem uma Avè Maria por uma intenção particular.

- Quarenta e seis ! - responde o procurador.

E voltam, os do lugar, com o encargo de rezarem quarenta e seis Avè-Marias.

Mas a igreja é mesmo ao fundo da rua, lá mais um pouquinho arriba, no adro de lages onde a velha árvore deita sombra para a banquetta. Os bordões ficam cá fora, em fileira, e os romeiros entram no templo, numa cantoria que parece que não finda e se prostam ante o altar da Virgem. É então que o mestre dá parte do seu sber, recitando um milheiro de orações que mais uma vez comovem os penitentes.

São orações simples e de expressão bastante singelas, dirigidas primeiramente a Deus e em seguida à Virgem, mui

tas delas em verso, em quadras de sabor popular, pois que muitas são improvisadas pelos próprios mestres dosromeiros, mas de tão suave e sentida inspiração.

Deus vos salve, clara Estrela
De Deus e do mar tão bela;
Pedimos a vossa luz,
Que nada somos sem ela.

E depois de várias estâncias deste género:

Eu vos peço santa Estrela
Que abrandeis minha dureza,
P'ra toda a vida louvar
A vossa santa grandeza

Assim, pois, prossegue o salvè à Virgem, até que termina:

Salvè Vós divina Estrela
Em vós estamos confiados
Que nas nossas aflições
Seremos remediados

Suavíssima Maria
Livrai-nos de todo o mal
Assim como foste livre
Do pecado original

Entretanto, o sol morno da primavera aquece, cá fora, os seres e as coisas, a passarada ensaia de riba das franquas sinfonias estranhas, as árvores murmuram também as suas rezas - e quando o rancho sai e retoma o seu caminho, estrada além, os ecos da mesma Ave Maria de sempre, lenta e pungentemente cantada, alagam o ar, batem nas barreiras, alongam-se pelas várzeas e enchem as ruas sonolentas.

A aldeia retoma a sua pacatês, mas a terra por onde o rancho vai, toda se alvoroça com a oração proferida por dezenas de bocas.

É a alma do povo, boa e crente, que acorda a Terra e anseia chegar ao céu para ser ouvida por Deus - fluído singular que se desprende da reza e comove a gente.



ROMEIROS DA QUARESMA

Durante as sete semanas da Quaresma, todas as ilhas açorianas, especialmente a de S. Miguel, são templos de verdade, tais as rezas e os cânticos que se entoam por toda a parte, pelo que são de notar, “nesta ilha, as chamadas romarias Quaresmais – peregrinações de oito dias em busca de todas as igrejas de invocação à Virgem e que constituem, além de uma das mais antigas demonstrações de fé religiosa uma prova de que os micalenses não esquecem as suas tradições, mesmo aquelas por intermédio das quais mais se aproxima de Deus.”

A origem de tais romarias cujos cânticos nestes dias se repercutem por vales e montes de S. Miguel é problema assaz controvertido. A maioria de quantos têm abordado este curioso problema histórico inclina-se para a asserção de que tão devota prática se deve ao temor religioso derivado de uma série de cataclismos de natureza vulcânica e que tanto afligiu a população micalense entre 1522 e 1586.

O ano de 1563 foi assinalado em S. Miguel, segundo testemunha Frutuoso, por erupções vulcânicas de grande violência. Enormes montanhas se abriram em vulcões tremendos e crateras horrendas e ao mesmo tempo que a terra tremia, vomitaram lavas e cinzas que queimaram os terrenos, soterraram as ribeiras e escureceram os céus.

Em 25 de Junho desse ano – numa sexta-feira à 1 hora da manhã – a terra começou a tremer causando pavor a toda a gente. Perto de Vila Franca do Campo, um monte principiou a explodir imensa quantidade de lava. Aturdidos, todos os moradores correram à Matriz daquela vila. Daí - conta o dito Frutuoso – “fizeram uma devota procissão à Casa de Nossa Senhora do Rosário do Mosteiro de S. Francisco e daí ao Mosteiro de Santo André, das religiosas de Santa Clara, que já pelo mesmo motivo tinham feito outra procissão por dentro da sua crasta; Daí tornando à igreja de São Miguel, donde se saíram, sendo já manhã clara. No qual tempo tremeu a terra mais de quarenta vezes, tremendo também o sábado no qual sendo horas de Ave Marias se eclipsou a lua com ser cheia, do qual eclipse nenhuma fé deram em algumas partes da ilha, e também alguns da mesma vila desatinados com medo, pelo que à tarde fizeram outra procissão com muitos géneros de penitências aos mesmos lugares dantes...”

Voltou a terra a tremer na tarde do domingo imediato – o mesmo acontecendo no dia seguinte, na 2ª. Feira, 28 de Junho – motivo por que se ordenaram novas procissões que percorreram quase todos os templos da vila, inclusivamente o da Senhora da Piedade.

Enquanto isto se verificava em Vila Franca do Campo idênticas procissões pelo mesmo motivo se realizavam no Nordeste, na Ribeira Grande e em Ponta Delgada onde as populações respectivas, impetravam, aflitas, a misericórdia divina.

Na vila da Ribeira Grande depois de percorrerem várias igrejas, acabada que foi a procissão “porque os terramotos iam crescendo, o povo não guardando ordem nem sossego se derramou por uma e outra parte e em magote ordenaram suas procissões com cruzes que tomavam das ermidas” e em Ponta Delgada, onde os tremores de terra haviam começado no dia 24 desse mês de Junho, o céu toldou-se de tal maneira no dia de S. Pedro que se ordenou – diz Fructuoso – “mui grande procissão de toda a clerezia e de muita gente, com grande cópia de faróis da Misericórdia e cera das confrarias e muitos penitentes, a qual foi à ermida de Nossa Senhora da Piedade que está arriba da cidade menos espaço de meia légua.

Uma erupção formidável deu-se dias depois, a 2 de Julho no cume do Pico do Sapateiro junto da Ribeira Grande, na Lagoa e em Água de Pau.

“Forma, pois, conclui um escritor contemporâneo, numerosos e em muitos dias seguidos as procissões em vários lugares da ilha. Quando os elementos se pacificarem e voltou a vida à normalidade, não se desvaneceu a funda impressão que nos ânimos causaram tantas angústias, com a morte sempre eminente. Naturalmente, as procissões ao depois, continuaram mas feitas em determinada época do ano, escolhendo-se para elas a Quaresma, provavelmente por ser esta a quadra mais propícia à penitência e em que os trabalhos agrícolas exigem menos braços”.

Desde muito afastados tempos, portanto, se realizam em S. Miguel as romarias quaresmais. A oração e a penitência ouvem-se e pressentem-se por toda a parte, porque pelas estradas fora e junto das ermidas e igrejas da terra, as romarias fazem ouvir seus cânticos plangentes. Tradição que vem por conseguinte, do séc. XVI – a dos romeiros de S. Miguel, visitando por este tempo, as Casas de Nossa Senhora, é filha da própria terra, pois que constitui uma resultante de muitas calamidades que atingiram o nosso povo e que, no seu modo de dizer, foram verdadeiros castigos. Ora, neste tempo salutar da Quaresma não há micalense algum de alma e coração que se não entorneça ante o espetáculo singular de um rancho de tais romeiros, vindo de longe, da freguesia mais distante, entrando na rua tortuosa de certa aldeia, caminho da igreja, para aí debulhar as suas orações num fervor religioso, num entusiasmo místico que só vistos.

Ainda o rancho vem a alguns quilómetros de distância e já os ecos da Ave Maria cantada numa toada lenta e pungente, alagam o ar, batem nas barreiras onde os fetos e as silvas, as conteiras e as bagas-moiras emaranham suas folhas, alongam-se pelas várzeas e penetram na rua sonolenta do lugar, onde a água, caindo da fonte, entoa uma cantiga, onde as galinhas esgravatam e as velhas se acoram às soleiras das portas, ou fiando nas rocas ou espiolhando as netas.

Ouvindo esses rumores distantes que às vezes parecem uivos de vento ou lamúrias de ribeira minguada, toda a aldeia se alvoroça.

Quem está no tanque, vem à boca da canada para ver chegar aqueles tristes penitentes; quem está junto do forno, às trelas com uma cozedura de alqueire, larga a tarefa e vem deitar a cabeça da banda de fora da porta. E o rapazio, numa curiosidade que se não sacia, rodeia o cortejo triste e escuro daqueles homens agasalhados nos seus xailes e nos seus lenços, ajoujados ao peso das cavadeiras, amparados ao rosário enorme e ao bordão de conto, feito de moniqueira da rija. À frente vem o guia, a meio o procurador das almas, por último o mestre – bem velho, com um poderio de Janeiros em riba dele e com um bom cento de orações enversadas na cabeça.

- Quantos irmãos vão no rancho? – perguntam ao procurador depois de lhe pedirem uma Ave Maria por uma intenção particular.

- Quarenta e seis! – responde o procurador.

E voltam, os do lugar, com o encargo de rezarem quarenta e seis Ave Marias.

Mas a igreja é mesmo ao fundo da rua, lá mais um pouquinho arriba, no adro de lajes onde a velha árvore deita sombra para a banquetta. Os bordões ficam cá fora, em fileira, e os romeiros entram no templo, numa cantoria que parece que não finda e se prostam ante o altar da Virgem. É então que o mestre dá parte do seu saber, recitando um milheiro de orações que mais uma vez comovem os penitentes.

São orações simples e de expressão bastante singelas, dirigidas primeiramente a Deus e em seguida à Virgem, muitas delas em verso, em quadras de sabor popular, pois que muitas são improvisadas pelos próprios mestres dos romeiros, mas de tão suave e sentida inspiração.

Deus vos salve, clara Estrela
De Deus e do mar tão bela;
Pedimos a vossa luz,
Que nada somos sem ela.

E depois de várias estâncias deste género:

Eu vos peço santa Estrela
Que abrandeis a minha dureza,
P'ra toda a vida louvar
A vossa santa grandeza

Assim, pois, prossegue o salve à Virgem, até que termina:

Salve Vós divina Estrela
Em vós estamos confiados
Que nas nossa aflições
Seremos remediados

Suavíssima Maria
Livrai-nos de todo o mal
Assim como foste livre
Do pecado original

Entretanto, o sol morno da primavera aquece, cá fora, os seres e as coisas, a passarada ensaia de riba das franças sinfonias estranhas, as árvores murmuram também as suas rezas – e quando o rancho sai e retoma o seu caminho, estrada além, os ecos da mesma Ave Maria de sempre, lenta e pungentemente cantada, alagam o ar, batem nas barreiras, alongam-se pelas várzeas e enchem as ruas sonolentas.

A aldeia retoma a sua pacatez, mas a terra por onde o rancho vai, toda se alvoroça com a oração proferida por dezenas de bocas.

É a alma do povo, boa e crente, que acorda a Terra e anseia chegar ao céu para ser ouvida por Deus – fluído singular que se desprende da reza e comove a gente.

(Arquivo Francisco Carreiro da Costa, Palestras radiofónicas, Vol. III)

